

O capitalismo contemporâneo e a contra-ofensiva popular na América Latina

Edmilson Costa*

O sistema capitalista, neste início do século XXI, iniciou uma fase nova em seu desenvolvimento, período no qual este modo de produção se tornou um sistema completo e maduro, com o processo de globalização. Até o período anterior à globalização, o capitalismo era um sistema efetivamente global apenas no que se refere a alguns circuitos da órbita financeira, como o comércio mundial e frações da área financeira. No entanto, com a globalização da produção e a globalização financeira, que nucleia o fenômeno da globalização, o capitalismo completou a sua marcha iniciada com a revolução inglesa de 1640.

O processo de globalização e a hegemonia da órbita financeira sobre o conjunto do sistema só foi possível porque, a partir do final da década de 70, nos Estados Unidos e na Inglaterra, o setor mais reacionário e parasitário do grande capital passou a hegemonizar a dinâmica capitalista. Com o apoio dos respectivos Estados, essa fração do capital passou a subordinar todos os outros setores da atividade econômica à lógica especulativa. A partir daí instaurou-se politicamente a chamada ordem neoliberal, que se transformou em doutrina de Estado para a grande maioria dos Estados capitalistas mundiais.

Dessa forma, somente com a globalização o capitalismo completa efetivamente o seu ciclo histórico de desenvolvimento, ao contrário do que afirmavam os teóricos do imperialismo, que imaginavam que o imperialismo do início do século XX era a ante-sala do socialismo. Naquele período, esta fase estava apenas começando e, portanto, deveria necessariamente passar por um longo período de amadurecimento até chegar ao estágio atual, quando a globalização passou a unificar mundialmente o ciclo do capital, em função da internacionalização produtiva e financeira.

Ressalte-se ainda que a ordem neoliberal configurada a partir de Reagan e Thatcher foi também uma reação do grande capital à tendência decrescente da taxa de lucro, que vinha se verificando desde a década de 60. Significou, portanto, uma reação global do capital à queda nos seus lucros, o que se tornou mais fácil em função da queda da União

Soviética e dos países do Leste Europeu. Sem a âncora socialista, o grande capital encontrou um caminho fértil para iniciar uma ofensiva de caráter global contra direitos e garantias dos trabalhadores, o que vem se caracterizando como uma verdadeira vingança de classe em caráter mundial, em pleno século XXI.

Esse quadro demonstra também que os clássicos do marxismo estavam corretos quando afirmavam que o capitalismo é incapaz de abolir os seus instintos primitivos oriundos do seu código genético, como a exploração de um ser humano por outro. Estamos vivenciando uma tentativa de retomada dos valores do início do século XIX, quando os trabalhadores não possuíam direitos e garantias e trabalhavam 16/17 horas ao dia, faziam as refeições ao pé da máquina e dormiam em galpões ao lado das fábricas.

Realmente, se avaliarmos estes 25 anos de política neoliberal poderemos constatar que, do ponto de vista dos trabalhadores e da sociedade em geral, o neoliberalismo significou uma enorme derrota para a humanidade. Ocorreu um enorme retrocesso em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. As grandes corporações financeiras e industriais redesenharam o mundo de acordo com seus interesses; o neoliberalismo penetrou fundo na consciência das mais sofisticadas elites até os mais humildes setores populares, cultuando o mercado, a livre iniciativa, a retirada do Estado da economia e o individualismo como norma ética da população e o darwinismo social como valor natural da sociedade.

Além disso, o produto social deste quarto de século tem sido dramático: a concentração de renda aumentou dramaticamente em todos os países que implementaram o neoliberalismo, enquanto a miséria se ampliou aceleradamente, inclusive nos setores populares dos países centrais. A desorganização social provocada pelas políticas excludentes tem gerado o caos e o xenofobismo em várias regiões do mundo. Desesperados pelo desemprego, pela fome e pela miséria, milhões de pessoas migram para as regiões centrais em busca de uma nova vida e se tornam pretexto para a ascensão do xenofobismo e o preconceito.

Após 20 anos de hegemonia neoliberal, cresce na América Latina a contra-ofensiva popular, que toma variadas formas, de acordo com as condições objetivas da luta de classes em cada País. Ora, a contra-ofensiva se materializa em forma de greves, vitórias eleitorais

progressistas, ora assume o campo aberto da insurreição popular contra os governos neoliberais da região. Se observarmos a década de noventa e esses três anos do século XXI, O que se pode ver claramente é uma trajetória cada vez mais radical das massas contra a política neoliberal na América Latina.

Esse processo teve início da década com a rebelião de Chiapas, no México. Liderada pelo subcomandante Marcos, essa insurreição armada demonstrou com força a enorme contradição entre os interesses dos povos oprimidos da América e os interesses do grande capital imperialista. Como era comum até então, os estrategistas de Washington não conseguiram sufocar, nem desmoralizar o movimento insurgente, que continua firme até hoje.

Por outros caminhos, o povo brasileiro, após grandes jornadas de manifestações de massa, conseguem pela primeira vez na história de nosso continente, realizar um impeachment de um presidente corrupto, que iniciou o processo de implantação do neoliberalismo no Brasil. Ainda na órbita do movimento de massas, trabalhadores do Paraguai, Argentina, Bolívia realizam greves gerais contra a política neoliberal, resgatando para as ruas a luta de classe e desgastando ideologicamente perante as massas a política neoliberal.

Na Venezuela, o Movimento Bolivariano, após um levante popular contra o governo de Andrés Perez, no qual morreram milhares de trabalhadores, e uma tentativa de tomada do poder por setores patrióticos das forças Armadas, elegeu o presidente Hugo Chavez, aplicando uma derrota fragorosa à velha oligarquia que dominava o País há várias décadas. Ao chegar ao governo, Chavez se transformou num símbolo da luta anti-neoliberal latinoamericana, tanto por derrotar o golpe de Estado, patrocinado pela CIA, no qual voltou ao poder nos braços da população, mas também por retomar o controle da Estatal de petróleo, que estava nas mãos de setores reacionários do País.

No Peru também a população conseguiu derrubar o governo fascista de Alberto Fujimori e sua política neoliberal. Aliado a Vladimiro Montesinos, uma espécie de chefe de polícia sanguinário e gangster, Fujimori implantou uma política antinacional e antipopular no Peru,

procurando dizimar todas as formas de resistência organizada da população e das organizações políticas. Mediante a luta de massas, foi obrigado a fugir do País para não ser preso, enquanto seu comparsa, Montesinos, está na cadeia. Mesmo que a eleição tenha sido ganha por um presidente que não faz parte do campo progressista, o neoliberalismo se enfraqueceu com a queda de Fujimori.

No entanto, nos últimos anos a luta popular mudou de qualidade. Na Argentina, por exemplo, o presidente De La Rúa foi eleito com um programa contra a política neoliberal implementada por Menem durante dez anos. No entanto, ao chegar ao governo continuou a mesma política de seu antecessor, traíndo as aspirações de mudança do povo argentino. O resultado dessa frustração foi a rebelião popular que derrubou De La Rúa e abriu espaço para a eleição de um governo que, apesar de ainda não ter rompido totalmente com a política neoliberal, já tomou algumas medidas contrárias a essa política e até agora não trocou de lado como tem sido o costume na América Latina.

No Brasil, o povo também votou massivamente pelas mudanças ao eleger o operário Luis Inácio Lula da Silva para presidência da República. Pela primeira vez no País um operário, identificado com as causas populares, ganha uma eleição nacional. Por si só essa eleição representa uma quebra de tabu, segundo o qual o povo não vota no povo. Eleito presidente, infelizmente Lula não tem implementado nenhum dos compromissos históricos com a população. Pelo contrário, seu programa econômico, com as chamadas reformas, tem sido mais liberal que o governo anterior. Até agora, o povo ainda está esperando pelas mudanças, mas se estas não forem realizadas, com já vem ocorrendo em outros países, as massas vão cobrar nas ruas os compromissos assumidos em palanque.

Recentemente também na Colômbia, pela via eleitoral, a população rejeitou a política neoliberal e guerreira do presidente Uribe. Perdeu as prefeituras das grandes capitais do País para oposição, inclusive a capital federal, onde foi eleito um conhecido líder sindical de esquerda, e foi derrotado no referendo que buscava legitimar o aprofundamento da política neoliberal no País.

Mas onde se condensou de maneira mais completa a insatisfação popular contra a política neoliberal na América Latina foi na Bolívia, cujo movimento insurrecional poderá ser vir de exemplo para as massas trabalhadoras da região. O país era dirigido por Sanchez de Losada, o Goni, um personagem tão anti-nacional, que falava com sotaque norte-americano a língua do País. Fora educado nos Estados Unidos e na Bolívia se transformou num pró-consul dos interesses imperialistas não só no País mas em toda a América Latina.

Goni desenvolveu uma política neoliberal selvagem na Bolívia, arrochando salários, demitindo trabalhadores e privatizando empresas públicas. O primeiro levante ocorreu em função da luta pela água, quando uma empresa estrangeira queria aumentar abusivamente o preço do produto. Diante da revolta popular, teve que recuar. Posteriormente, no afã se servir a seus senhores do Norte, Goni queria desnacionalizar a indústria do gás e exporta-lo para os Estados Unidos, mediante um gasoduto que cruzaria o México.

A população, que já estava revoltada com as medidas antinacionais e antipopulares, iniciaram uma revolta aberta contra o presidente neoliberal, com as massas cercando a capital e obstruindo as estradas. Como sempre acontece com esse tipo de governo, Goni autorizou uma repressão violenta contra o movimento popular, na qual morreram mais de 60 trabalhadores. Essa medida, em vez de enfraquecer o movimento deu-lhe novo ímpeto e a revolta se transformou em insurreição nacional exigindo sua renúncia.

Enquanto reprimia o movimento, procurou e conseguiu apoio militante do embaixador dos Estados Unidos no País, que ameaçou com retaliações o movimento popular. Mas já era tarde demais e as ameaças do diplomata gringo não intimidaram a população. Parece que está passando o tempo dos países serem monitorados a partir da embaixada dos Estados Unidos. As massas ampliaram a insurreição e o sanguinário Goni foi obrigado fugir do País pela porta da cozinha. Assumiu o vice-presidente e os líderes da insurreição popular lhe deram uma trégua para cumprir os compromissos que assumiu ao tomar posse no governo. As lutas populares e, especialmente as insurreições na Argentina e na Bolívia, vêm demonstrar que a população latinoamericana perdeu o medo de ir às ruas. A desorientação, a perplexidade e o refluxo do início dos anos 80 estão dando lugar à organização popular e

à luta direta contra os governos neoliberais. Até agora ainda não surgiu uma força política capaz de condensar as aspirações populares e assumir um projeto revolucionário capaz de construir um novo caminho para a luta revolucionária na América Latina.

Mas este é um momento propício para a difusão das idéias socialistas, uma vez que tanto o projeto neoliberal quanto o projeto social democrata fracassaram aos olhos da população. As massas estão não só descontentes com disposição de luta, especialmente nos países em que os governantes foram eleitos com um programa de mudanças e estão aplicando o projeto conservador, como no Brasil. Nosso partido deve aproveitar esse momento histórico para ampliar a sua organização, reatar os laços com as massas e se preparar para as grandes jornadas de luta que virão.